

ABSURDO E CONTINGÊNCIA EM CAMUS E SARTRE

FABRÍCIO CAXITO¹

RESUMO: Absurdo e contingência são conceitos similares que permeiam as obras de Camus e Sartre, respectivamente, e que em geral são utilizados para denotar o sentimento de estranhamento vivenciado pelo ser quando é realizada a reflexão sobre a experiência vivida. A partir da análise de suas principais obras, neste trabalho é discutido como os dois conceitos são tratados pelos autores, e quais as soluções propostas para o problema existencial que se coloca através deles. O confronto com o absurdo, para Camus, leva à única questão filosófica realmente importante, se a vida vale ou não a pena ser vivida. A solução não é provocar uma morte do absurdo através da religiosidade ou da racionalidade, mas sim abraçar completamente a condição absurda da vida. Para Sartre, tornar-se consciente do contingenciamento da própria existência causa a náusea existencial e a conclusão pela falta de sentido da vida. A solução é apresentada como a liberdade que o ser humano tem de escolher seu próprio sentido, pois se a existência humana precede a sua essência, o ser humano é livre para definir o seu próprio propósito na vida. Camus e Sartre são filósofos que se dedicaram aos aspectos fenomenológicos da vida, especialmente na experiência vivida e na sua relação com a reflexão sobre esta experiência. Os dois apresentaram soluções distintas para o problema da existência do ser racional em um mundo desprovido de sentido.

PALAVRAS-CHAVE: Absurdo, Contingência, Existencialismo, Filosofia contemporânea, Fenomenologia

ABSTRACT: Absurdity and contingency are similar concepts that permeate the works of Camus and Sartre, respectively, and which are generally used to denote the feeling of estrangement experienced by the being upon reflection on the lived experience. From the analysis of their main works, in this paper it is discussed how the two concepts are treated by the two authors, and which are the proposed solutions to the existential problem that is put through them. The confrontation with the absurd, for Camus, leads to the only really important philosophical question, whether or not life is worth living. The solution is not to bring about the death of the absurd through religiosity or rationality, but to embrace the absurd condition of life completely. For Sartre, becoming aware of the contingency of existence causes existential nausea and leads to the conclusion of the lack of meaning of life. The solution is presented as the freedom that the human being has to choose its own meaning, because if human existence precedes its essence, the human being is free to define his own purpose in life. Camus and Sartre are philosophers who have dedicated themselves to the phenomenological aspects of life, especially in the lived experience and its relations with the reflection on this experience. They presented different solutions to the problem of existence of the rational being in a world devoid of meaning.

KEYWORDS: Absurd, Contingency, Existentialism, Contemporary Philosophy, Phenomenology

INTRODUÇÃO

Tanto Albert Camus quanto Jean Paul Sartre foram filósofos que focaram seus estudos no campo da fenomenologia, principalmente na descrição da experiência pessoal e na reflexão sobre o significado desta experiência. Experiência e reflexão são dois polos que reaparecem de diversas maneiras na obra destes dois pensadores, muitas vezes como extremos opostos. Em “O Estrangeiro”, por exemplo, Camus descreve uma espécie de anti-herói que vivia constantemente a experiência irrefletida, isto é, que não fazia julgamentos sobre os dados sensoriais que recebia do mundo. Para ambos os autores, a reflexão acaba desaguando sempre em algum tipo de aflição, o que também podemos encontrar em autores como Kierkegaard ou mesmo Tolstói (com sua máxima expressão no personagem auto-biográfico Levin de Anna Karenina) e Dostoiévski. Camus, na descrição do que poderia ser descrito como o seu sistema filosófico em “O Mito de Sísifo”, postula que a reflexão leva à inescapável conclusão de que o mundo em que vivemos é absurdo, pelo simples fato de nos constituirmos como seres que se indagam, que buscam um edifício racional, em um mundo basicamente irracional. A sensação do absurdo, que é traduzida por Sartre como contingência no seu sistema filosófico existencialista apresentado em “A Náusea” e refinado posteriormente em “O Ser e o Nada”, para Camus é o que pode levar à única verdadeira questão filosófica, se a vida vale ou não a pena ser vivida. Esta mesma questão é o que traz a angústia ao ser humano em Sartre, mais especificamente a possibilidade de que no futuro, uma vez que a minha relação com minhas decisões não é de causalidade mas sim motivacional, eu poderia ter uma resposta diferente a esta questão do que a que tenho agora.

Neste trabalho investigaremos a noção do absurdo na obra de Camus e da contingência na obra de Sartre, a partir da análise de quatro obras; “O Mito de Sísifo” e “O Estrangeiro”, de Camus, e “A Náusea” e a seção “Minha Morte” de “O Ser e o Nada”. Pode-se traçar um paralelo entre as quatro

obras no sentido que “O Estrangeiro” e “A Náusea” representam novelas escritas de forma relativamente livre de teorização filosófica, enquanto “O Mito de Sísifo” e principalmente o *tour de force* de Sartre, “O Ser e o Nada”, representam tentativas de apresentar todo um sistema filosófico.

O ABSURDO EM CAMUS: O MITO DE SÍSIFO

“Só existe um problema filosófico realmente sério: o suicídio”. Assim Albert Camus abre um dos mais célebres ensaios do séc. XX: julgar se a vida vale ou não a pena ser vivida é o único grande problema a ser resolvido. Em algum momento se chega à consciência do eterno pêndulo entre o sofrimento da vontade não realizada e o tédio da satisfação momentânea, como descrevia Schopenhauer. Mais ainda, a qualquer momento, se chega à consciência de que somos seres com diretrizes fortemente racionais jogados dentro de um mundo e de uma vida fortemente irracional. Quando uma força incontrollável que busca conhecer toma consciência do quão inexorável, desconhecido, nunca explicável, é verdadeiramente o mundo a seu redor, ela traduz essa colisão no sentimento de absurdo. Neste momento é preciso escolher: o retorno inconsciente à trama pré-estabelecida ou o despertar absoluto. No extremo do despertar, só podem existir duas consequências: suicídio ou restabelecimento.

Camus descreve como os cenários de uma hora para outra desmoronam. “Acordar, bonde, quatro horas no escritório ou na fábrica, almoço, bonde, quatro horas de trabalho, jantar, sono, e segunda terça quarta quinta sexta e sábado no mesmo ritmo, um percurso que transcorre sem problemas a maior parte do tempo. Um belo dia, surge o “por quê” desponta e tudo começa a entrar numa lassidão tingida de assombro” (p. 27). Cedo ou tarde, um belo dia tomaremos conta do absurdo. O que faremos com ele a partir deste ponto é a pergunta em questão.

Muito se falou e se fala sobre suicídio, na maioria das vezes com parte de uma doença psíquica ou

física, individual. Mas deve-se entender que não existe indivíduo sem o contexto social. O gênero, a classe, a cor de pele, tudo isso faz parte de redes sociais que só são definidas através do contato com os outros, e é a inserção do ser nessas redes que irá definir em grande parte o que ele é como indivíduo. O ser só se define através da existência do outro, da comparação com o outro. Aqui entram em cena as grandes “tramas” as quais Camus nos convida a abandonar logo que percebamos o quanto arbitrárias elas são. Pois essa trama social, especialmente no contexto capitalista pós-industrial em que vivemos, prega primeiramente e acima de tudo um enorme controle sobre o corpo do indivíduo, e por conseguinte sobre sua alma – entendo alma como aquela aura progressivamente inserida ao redor do corpo e que supostamente deveria representar o que o indivíduo deveria pensar, como ele deveria agir, e o que é esperado de si socialmente. Vivemos para seguir passo a passo aquilo que se é esperado de alguém com nossa situação (de pele, de classe, de gênero...) dentro da sociedade. Basta observar as ondas de ódio que se manifestam quando qualquer um tenta pisar fora do que seria o seu território.

É neste ponto que o indivíduo, totalmente extenuado de tudo que se espera (e do que ele mesmo espera) de si próprio, pode tomar consciência do absurdo e da arbitrariedade de toda essa vida, e instantaneamente se confronta com a consequência irreversível do suicídio. É preciso entender, antes de mais nada, que o suicídio não é um ato de fraqueza: pelo contrário, é um ato de extrema força de vontade, de força de determinação da decisão de um ser racional que não vale a pena viver em um mundo absurdo. Por muitas vezes acreditamos estar ajudando pessoas com tendências suicidas ao convidá-las para festas, ou ao falarmos uma vez por telefone; quando na verdade, para atacar a raiz do problema como comunidade, talvez deveríamos primeiramente estar nos perguntando: O que podemos fazer para tornar a nossa sociedade e o mundo em que vivemos algo menos absurdo e menos extenuante? Que cobre menos arbitrariedades e onde sejam esperados menos esforços vãos de cada indivíduo?

Camus chega à conclusão que, afinal, a vivência plena da experiência absurda se afasta do suicídio. O suicídio, como salto, seria a admissão do único destino possível, quando o homem divisa seu futuro e se lança nele: à sua maneira, o suicídio resolve o absurdo. Mas, para manter-se, o absurdo não pode ser resolvido: Ele deve ser abraçado e vivido intensamente. Este “recusa o suicídio na medida em que é ao mesmo tempo consciência e recusa da morte” (p. 60). Aqui vemos a segunda escolha ao se deparar com o inexorável: Ao invés do suicídio, abraçar com todas as forças o absurdo da vida. Se a vida não faz sentido, tampouco faz sentido abandoná-la.

Camus descreve as figuras ideais do “homem absurdo”, aquele que abraça completamente o absurdo da vida e se satisfaz ao viver intensamente todo tipo de experiência que lhe é apresentada, todo “projeto de existência”. Cita, por exemplo, o don-juanismo, a representação da comédia, e o conquistador, como exemplos de seres humanos que vivem intensamente cada uma de suas experiências, sem nunca esperar retirar delas algo do sentido da vida, que afinal, é irracional. É então, na vivência plena das experiências, que o ser humano pode encontrar algum alívio para a aflição do absurdo. O exemplo máximo é Sísifo, anti-herói grego que foi condenado a levar uma pedra enorme para o topo de um morro, de onde ela escorrega para o vale novamente e ele tem que repetir a operação *ad infinitum* pelo resto de sua existência. Camus nos convida a fixar nossa atenção no momento em que Sísifo desce pelo morro em busca da pedra para novamente erguê-la ao topo do morro. Ele sabe do absurdo de sua situação, e é isso que tem o poder de lhe fazer infeliz: a consciência do absurdo. Porém, mesmo Sísifo pode escolher ser feliz no momento da descida do morro. Em alguns dias, ele irá encarar a descida com mais suavidade do que em outros. O mito de Sísifo representa fielmente a vida humana, carregada de fardos absurdos, mas que pode assim mesmo ser usufruída em sua plenitude, desde que se abraça o absurdo como parte essencial da vida. Neste momento se compreende que “cada grão desta pedra, cada fragmento mineral desta mon-

tanha cheia de noite forma por si só um mundo. A própria luta para chegar ao cume basta para encher o coração de um homem” (p. 124).

UM HERÓI ABSURDO: O ESTRANGEIRO

Em “O Estrangeiro”, Camus descreve um personagem “estranho”, que na verdade não apresenta um caráter propriamente dito. Meursault, herói (ou anti-herói) da história, é um personagem que, apesar de passar por experiências que seriam emocionalmente extenuantes para outras pessoas (a morte de sua mãe, a descoberta de um novo amor, o envolvimento com o submundo da prostituição, e finalmente um encontro fatal e o julgamento por sua vida), pensa muito pouco (na verdade nada) sobre essas situações, não apresentando julgamentos sobre os seus atos e dos outros. Em uma das mais célebres passagens, Meursault confessa que matou um homem porque “fazia calor”.

Nota-se no livro que Meursault de fato vive experiências em primeira pessoa (tal como o calor do norte africano ou os beijos de Marie); o que ele não faz é refletir sobre elas. “O Estrangeiro” poderia, então, ser considerado um exercício sobre a vida irrefletida, sobre a consciência pré-reflexiva. Robert C. Solomon (2006) sugere que “O Estrangeiro” é um livro sobre a relação problemática entre a fenomenologia da experiência e a fenomenologia da reflexão. O fato de Meursault viver experiências, mas não refletir sobre elas, é o que o faz tão “estrangeiro” para o leitor.

O próprio Camus daria sua interpretação para o livro, de que o herói é condenado porque ele não “entra no jogo”, sendo desta forma um estrangeiro ou um estranho na sociedade em que ele próprio reside, vivendo à margem. Para Camus, Meursault consegue essa proeza porque ele “se recusa a mentir”. “Mentir não é apenas não dizer a verdade. É também, e principalmente, dizer mais do que é verdade e, até onde diz respeito ao coração humano, dizer mais do que se sente”. Para Camus, isto é o que nós fazemos no dia-a-dia. Meursault, por outro lado, diz o que é verdade, se recusando

a disfarçar os seus sentimentos – por exemplo, o fato de que não sente remorso pelo seu crime, ou de que não foi afetado pela morte de sua mãe. Desta forma, Camus sugere que, ao invés de uma falta de sensibilidade, o personagem é na verdade animado por uma extrema paixão pela verdade. Uma paixão que o afastaria definitivamente da sociedade em que vive.

Meursault, desta forma, se ater a um mundo de sentimentos independente de reflexões. A reflexão levaria, primeiro, a dizermos mais do que realmente sentimos (a mentira de Camus ou a má-fé de Sartre). Essa dualidade reflexão-sentimento é bem estabelecida na fenomenologia francesa, e sumarizada na distinção sartriana entre o reflexivo e o pré-reflexivo (*le vécu*), por sua vez adaptada da distinção de Heidegger entre o “ontológico” e o “ôntico” e também repetida por Merleau-Ponty. Solomon sugere que essa dualidade se reflete também na estrutura em duas partes de “O Estrangeiro”. Na primeira parte, Meursault representaria uma consciência pré-reflexiva perfeita no sentido sartriano, pura experiência sem reflexão. Seria ainda uma demonstração do quanto pobre é a consciência pré-reflexiva, já que os sentimentos que consideramos propriamente como humanos só são possíveis após reflexão e julgamento.

Na segunda parte da história, porém, vemos uma mudança: a prisão priva Meursault do seu fluxo contínuo de experiências mediterrâneas, e o seu julgamento lhe priva de sua indiferença ante a opinião dos outros sobre si mesmo, finalmente jogando o personagem a refletir sobre si mesmo. Num arroubo final, sentimentos como remorso, culpa e raiva finalmente são extravasados, com uma exposição explosiva do “privilegio de morrer” e da “morte feliz” heideggeriana. Meursault finalmente é forçado a assumir sentimentos humanos e se tornar uma pessoa como a sociedade conhece, mas só porque está sob o escrutínio da lei e dos seus concidadãos. Entraria aqui em ação o terrível olhar do “outro” como descrito por Sartre, sempre pronto a lhe roubar transcendência em troca de facticidade – no caso, o fato de

que Meursault era um assassino, condenado pela justiça a pagar com sua própria vida.

A CONTINGÊNCIA EM SARTRE: “A NÁUSEA”

Em “A Náusea”, acompanhamos as “aventuras” de Roquentin, uma espécie de alter-ego exagerado de Sartre quando escreveu o livro. Na verdade, o livro não apresenta propriamente um enredo, e acompanhamos Roquentin na sua busca por um sentido da vida ante as experiências vividas. Ao perceber a ausência de sentido (ou, como no “Mito de Sísifo” de Camus, ao perceber que os cenários se desmoronam), Roquentin se sente primeiramente enojado, e depois nauseado. Ele espera que as outras pessoas também cheguem à sua mesma conclusão e, por consequência, ao seu pessimismo, e quando percebe que elas não o acompanham, ele também se sente enojado e então nauseado por elas. A “náusea” do título seria então o sentimento causado por uma percepção da falta de sentido global, nas relações observadas, nos projetos de vida, no mundo.

Em outras palavras, nos tornamos nauseados ao observar o mundo ao nosso redor pois percebemos que a sua própria existência é supérflua e misteriosa, ou, nas palavras de Sartre, contingente. De fato, o próprio Sartre revelou que a ideia de contingência é que motivou o livro. Contingência é a noção de que as coisas existem sem necessidade, e que poderiam muito bem existir em outras configurações também por elas contingentes. Nossa própria existência, em particular, mesmo que pareça extremamente necessária para nós, é, em princípio, contingente. A náusea, na concepção sartreana, é a experiência imediata do fato de que a existência do mundo e todas as coisas nele, incluindo do ser que experimenta, é contingente. Esse sentimento se torna claro em diversas passagens, por exemplo quando Roquentin estranha a sua própria mão (pg. 114) ou a raiz de uma árvore no parque (pg. 144).

É importante ressaltar que a náusea não é, para Sartre, uma experiência singular ou uniforme.

Existe a náusea como uma reação à contingência, mas também como reação ao Nada, ou ao vazio. Sentido, vazio, e contingência são preocupações diferentes, e Camus apontou que a falta de sentido é resultado da reflexão e não da simples experiência. Existe também a noção de Sartre de uma experiência nauseante peculiar como reação à intrusão da existência. A náusea é então uma genuína experiência filosófica e fenomenológica do mundo, não apenas fisiológica. Significa um profundo distúrbio filosófico, assim como a experiência de Camus do absurdo.

Ao contrário de “O Estrangeiro”, porém, em “A Náusea” não há um esforço de separação entre a experiência vivida e a reflexão. Roquentin reflete sobre as suas experiências por toda a obra. O livro seria mesmo uma espécie de auto-diagnóstico na forma de um diário. A experiência de Roquentin não inclui apenas sua experiência refletida, mas também sua reflexão sobre sua própria experiência refletida. Roquentin não apenas vive suas experiências, como toma nota sobre elas, tenta entendê-las, busca seu significado. Logicamente, tudo isto é também parte de sua experiência. Para Camus, a reflexão interfere na experiência, enquanto para Sartre, ela clarifica ou é mesmo parte integrante da experiência – mesmo a experiência da náusea. Em última instância, o que Roquentin experimenta através da náusea é a sua falta de engajamento com o mundo, ou, alternativamente, a intrusão não-requerida do mundo em sua consciência. Este sentimento de intrusão enfim leva à epifania (a partir da p. 144) que irá lhe indicar o motivo de sua Náusea e a própria noção de contingência: “O essencial é a contingência. O que quero dizer é que, por definição, a existência não é a necessidade” (p. 148).

É interessante ainda citar o monólogo das pgs. 177-178, onde Sartre descreve tanto o conceito de contingência quanto este sentimento de intrusão da natureza:

“(...) No entanto a grande natureza vaga penetrou em sua cidade, infiltrou-se por todo lado, em suas casas, em seus escritórios, neles próprios. Não se mexe, mantém-se quieta, e eles es-

tão bem dentro dela, respiram-na e não a vêem, imaginam que ela está lá fora, a vinte léguas da cidade. Mas eu vejo essa natureza, vejo-a... Sei que sua submissão é preguiça, que ela não tem leis: o que acreditam ser sua constância... Ela tem apenas hábitos e pode mudá-los amanhã”.

O trecho é seguido por bizarras descrições das leis (ou hábitos) da natureza manifestando-se de forma distinta àquelas que estamos acostumados, manifestando seu caráter contingente e intrusivo.

A MORTE COMO ABSURDO EM SARTRE: “MINHA MORTE”

Na seção “Minha Morte” do capítulo 1 da Quarta parte de “O Ser e o Nada”, Sartre desafia a concepção de Heidegger de que a morte é o horizonte que confere sentido à vida, chegando a definir o *Dasein* como ser-para-a-morte. Sartre nos convida a, antes de mais nada, sublinhar o caráter absurdo da morte, afastando a tentativa de considerá-la como um acorde final de uma melodia ou ponto de contato do humano com o inumano. A morte não pode de forma alguma ser esperada, como sugere Heidegger com o seu *Dasein* que se projeta livremente rumo à sua possibilidade última, desgarrando-se da banalidade cotidiana para alcançar a unicidade; pois, para Sartre, nada mais é do que a revelação da absurdidade de toda espera: o próprio da morte é que ela pode surpreender antes do tempo. Assim, esta intromissão permanente do acaso em meio aos meus projetos não pode nem mesmo ser captada como minha possibilidade – ela é, na verdade, a nadificação imediata de todas as minhas possibilidades, que já não faz nem mesmo parte das minhas possibilidades. A morte, desta forma, “não é minha possibilidade de não mais realizar presença no mundo, mas uma nadificação sempre possível dos meus possíveis e que está fora dos meus possíveis” (p. 658).

O Para-si só é na medida em que se temporaliza. Isto quer dizer que nossa vida é uma série de longas esperas: primeiro, esperamos pela realização de nossos fins, pois estar comprometido com

um projeto é esperar seus resultados, e segundo, uma espera por si mesmo: como meu eu futuro irá determinar o sentido e o valor dos meus projetos em minha vida. Ser si mesmo é, então, vir a ser, e isso envolve não somente a espera, mas a espera de esperas. Essa longa série de esperas comporta, obviamente, uma referência a um último termo, que seja esperado sem mais nada a esperar, um repouso que seja puramente ser e não mais vir a ser, ou seja, o ponto em que deixamos de ser Para-si e nos tornamos Em-si. Desta forma, como nadificação imediata de nossas esperas, frustração de todos os projetos, a morte só poderia ser encaixada pelo ser-para-si como um absurdo.

Há um erro na concepção cristã que tenta dar à morte o caráter de último termo, um acerto final de contas onde não possamos ter nossa segunda chance e nos tornamos, afinal, o que somos tendo sido. Se, porém, é o encerramento da conta que dá à nossa vida o seu sentido, então pouco importa a liberdade de todos os atos que formam a trama de nossa vida, já que o próprio sentido destes atos nos escapa, pois não podemos escolher nós mesmos o momento em que a conta é encerrada. Não podemos então sequer dizer que a morte confere um sentido à vida pelo lado de fora. A morte não aparece no nosso fundamento de liberdade, portanto, só pode tirar da vida toda significação. Se o ser-para-si é uma espera de esperas de esperas, e se subitamente tanto o objeto da última espera quanto aquele que espera são suprimidos, esta espera só pode receber automaticamente o caráter de absurdo.

Sartre assinala ainda que seria inútil conceber o suicídio como uma forma de fuga, pois este não pode ser considerado um fim de vida do qual eu seria o próprio fundamento. Sendo ato de minha vida, o suicídio requer uma significação que só o porvir pode dar, já que ser-para-si é uma espera. É, porém, por definição o último ato de minha vida, e por isso recusa a si mesmo este porvir. Mantém-se, portanto, completamente indeterminado como ato. As soluções de significação do meu suicídio só poderiam ser fornecidas como meus próprios projetos, mas já que estes não podem aparecer

a não ser que eu continue vivendo, o suicídio é “uma absurdidade que faz minha vida soçobrar no absurdo” (p. 662).

A espera da morte, como sugerido por Heidegger e como projeto do Para-si, destruiria a si mesmo, pois seria negação de toda a espera. A espera da morte seria a espera de um acontecimento indeterminado que reduz toda espera ao absurdo (até mesmo a própria espera da morte). Um projeto rumo à morte, tal como o heroísmo, o martírio ou até mesmo o suicídio, pode ser compreensível, mas não o projeto rumo à minha morte, já que tal projeto seria a destruição de todos os projetos e do próprio Para-si. A morte não pode ser sequer uma das minhas possibilidades; ela é o indeterminado que reduz todas as minhas possibilidades ao absurdo e nadiifica todo Para-si. A morte é um fato contingente, e não uma possibilidade do Para-si.

CONCLUSÕES

Em Camus e em Sartre, encontramos o sentimento de estranhamento vivenciado quando aplicamos a reflexão sobre as experiências vividas. Para Camus, a reflexão leva invariavelmente, cedo ou tarde, à conclusão do absurdo da vida. Sartre traduz esse sentimento no conceito de contingência: ao refletir sobre a experiência vivida, chegamos à conclusão que todo o mundo, e nosso próprio ser, só existe de forma contingente, isto é, sua existência não é necessária e poderíamos muito bem ser de outra forma ou simplesmente não ser. De fato, o próprio Sartre faz a ligação entre os dois conceitos na p. 146 de “A Náusea”: “E sem formular nada claramente, compreendi a chave de minhas Náuseas, de minha própria vida. De fato, tudo o que pude captar a seguir liga-se a esse absurdo fundamental”.

Tanto Camus quando Sartre são filósofos que se focaram nos aspectos fenomenológicos da

vida, especialmente na experiência vivida e na sua relação com a reflexão sobre esta experiência. Enquanto Camus nos apresenta um herói que vive irrefletidamente, pelo menos na primeira parte do “Estrangeiro”, pois toda reflexão leva ao sentimento do absurdo, Sartre nos apresenta Roquentin, um herói que reflete continuamente sobre as experiências vividas, chegando à conclusão da contingência do mundo e da intrusão do mesmo sobre nossa existência.

O confronto com o absurdo, para Camus, leva à única questão filosófica realmente importante, se a vida vale ou não a pena ser vivida. A solução não é provocar uma morte do absurdo através da religiosidade (como fez Kierkegaard) ou da racionalidade (como fez Husserl), mas sim abraçar completamente o absurdo da vida. Assim, até mesmo Sísifo, o anti-herói mítico que tinha que empurrar todo dia uma enorme pedra para o topo de uma montanha só para vê-la rolar para baixo novamente e repetir a operação para todo o sempre, poderia se sentir feliz, ao abraçar a própria rocha e a montanha como partes essenciais da vida e de seu caráter absurdo. O suicídio seria então uma fuga que faz tão pouco sentido quanto a vida; para Camus, a escolha é por uma vida extremamente rica em experiências.

Para Sartre, tornar-se consciente do contingenciamento da própria existência é o que causa a náusea existencial e a conclusão pela falta de sentido da vida. Apesar do tom pessimista de “A Náusea”, posteriormente, em seu “O Ser e o Nada”, Sartre desenvolveria mais completamente o seu sistema filosófico e apresentaria a solução como a liberdade que o ser humano tem de escolher seus próprios projetos de vida, pois já que a existência humana precede a sua essência, o ser humano é livre para definir o seu próprio propósito na vida.



NOTAS

1. Professor Adjunto do Departamento de Geologia - Instituto de Geociências e graduando em Filosofia pela Universidade Federal de Minas Gerais. caxito@ufmg.br

REFERÊNCIAS

CAMUS, A. “O Estrangeiro”. Tradução de Valerie Rumjanek. Rio de Janeiro: BestBolso, 2010.

CAMUS, A. “O Mito de Sísifo”. Tradução de Ari Roitman e Paulina Watch. Rio de Janeiro: BestBolso, 6a. edição, 2016.

SARTRE, J.P. “O Ser e o Nada”. Tradução de Paulo Perdigão. Petrópolis: Editora Vozes, 24a. edição, 2015.

SARTRE, J.P. “A Náusea”. Tradução de Rita Braga. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, Ed. Especial, 2015.

SOLOMON, R.C. “Dark Feelings, Grim Thoughts: Experience and Reflection in Camus and Sartre.” New York: Oxford University Press, 2006.